

QUEM É O CLIENTE? CRIANDO O CENÁRIO PARA A TERAPIA COLABORATIVA COM CRIANÇAS E SUAS FAMÍLIAS

ADRIANA MÜLLER

Psicóloga, terapeuta da família, mestre em Psicologia do Desenvolvimento Docente do Crescent/ Faculdade de Direito de Vitória

Alguns textos nos convidam a refletir; outros, nos inspiram; outros, ainda, causam uma ressonância tão bonita em nós que ficam ecoando por algum tempo, entremeando nossa prática. O artigo da Sylvia London causa tudo isso em nós. Quem trabalha com crianças e suas famílias sabe o desafio que é criar um contexto que possibilite acessar as histórias preferidas, reveladoras de competências e habilidades de superação, ao invés de dar voz às histórias saturadas de problemas. Com uma linguagem clara e precisa, Sylvia aborda algumas atitudes e formas de transformar esse desafio em um cenário pleno de possibilidades.

O respeito que ela demonstra para com cada pessoa e com a história que surge fica evidente ao longo do texto. Seu cuidado ao receber o pedido de terapia, considerando “o que os adultos ou instituições que requerem estes serviços precisam ou buscam”, revela sua intenção genuína de entender o contexto mais amplo e contribuir para que versões preferidas daquela criança e sua família sejam evidenciadas e compartilhadas com aqueles que solicitam a terapia. Também fica bem demonstrado como ela coloca em prática os princípios da terapia colaborativa em cada momento, em especial na sua abertura para o novo, para a certeza de que “cada sessão é concebida como uma única sessão” e que, em cada uma delas, o cliente deve estar no centro das atenções.

Ler o texto de Sylvia fez com que eu olhasse para minha própria vivência de trabalho com crianças e suas famílias e percebesse o quanto, desde o início, eu estive engajada em me aliar e dar voz à criança e à identidade preferida que ela quer revelar. Sempre me incomodou o fato de que, vir ao consultório, pudesse reafirmar algum rótulo que porventura estivesse sendo colocado na criança – rótulos de desqualificação ou de patologias que viessem a fazer parte da sua identidade ainda em construção. Minha intenção é de colaborar para que as crianças e suas famílias se tornem protagonistas de suas histórias, fazendo o máximo para que tais rótulos sejam substituídos por versões mais alinhadas ao senso de competência e certeza de superação.

Assim como Sylvia, também tenho o cuidado de que o primeiro encontro seja somente com os adultos, tanto para que eles possam falar e mencionar o que julgam necessário, quanto, também, para que a criança seja protegida de ouvir acusações ou versões negativas de si. Chamo esses encontros de ‘colaboração com os pais’. Posteriormente, faço sessões com todos os membros da família, sempre atenta para ir além da versão saturada de problemas, buscando reconhecer competências, validar habilidades, revelar identidades preferidas e construir histórias de sucesso e superação.

Cada atendimento com crianças e suas famílias é realizado de forma leve, criativa, incluindo brincadeiras, senso de humor e muita imaginação. Tudo começa com a conversa de externalização – uma prática linguística que separa a pessoa dos

problemas. A partir deste momento, tanto a criança quanto sua família são convidadas a descobrir formas e estratégias para driblar os problemas: todos se juntam, formando uma “liga antiproblemas”. Quando adultos e crianças se unem desta forma, ativando recursos internos que os ajudem a superar as situações adversas e colaborando para colocá-los em ação, as brincadeiras se tornam poderosas aliadas (Freeman, Epston, Lobovits, 1997; White, 2007). Sempre me encanta a criatividade das crianças e as possibilidades daí decorrentes: elas se tornam domadoras de monstros, se aliam aos bichos de pelúcia, colocam lanternas na testa para serem os desbravadores do corredor escuro, compartilham suas conquistas com colegas e parentes, confirmando a reflexão de David Denborough (2015) sobre uma frase que Michael White costumava dizer: “A pessoa não é o problema. O problema é o problema. E a solução é tanto individual quanto coletiva”. Possibilitar à criança e sua família acessar esse potencial narrativo no qual histórias preferidas emergem por meio da criatividade e da leveza é algo especial.

A pergunta que Sylvia London faz sobre ‘Quem é o cliente?’ marca somente o início da caminhada da terapia com crianças e suas famílias. O decorrer do percurso será definido pelos protagonistas, cabendo ao terapeuta manter o clima de respeito, leveza e criatividade que possibilitam resgatar a confiança de que problemas podem ser resolvidos – por cada um, com a colaboração de todos.

REFERÊNCIAS

- Denborough, D.** (2015) *Can narrative practices contribute to ‘social movement’? An invitation to join a project.* [On-line]. Acesso em 02 de março de 2015. Disponível em: <http://narrativetherapyonline.com/moodle/mod/resource/view.php?id=995>
- Freeman, J., Epston, D., Lobovits, D.** (1997). *Playful approaches to serious problems. Narrative therapy with children and their families.* Nova York: Norton & Company.
- White, M.** (2007). *Maps of narrative practice.* Nova York: Norton & Company.